

# DEUS E PÁTRIA

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.<sup>a</sup> REV.<sup>ma</sup> O SR. BISPO DE LISBOA

Director, Editor e Administrador — Sub-diacono *Avelino Alves Sampão*

EDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—Belinho—ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA — DEUS E PATRIA

Composto e impresso na Typographia Viziense—Rua Silva Gayo, 42 a 46—VIZEU

## O EVANGELHO

Domingo 8.º depois do Pentecostes

N'aquelle tempo disse Jesus a seus discipulos esta parábola: Um certo homem tinha um feitor, o qual foi accusado deante d'elle de lhe haver dissipado seus bens.

E chamou-o e disse-lhe: Que é isto que ouço de ti? Dá-me contas da tua administração, porque d'aqui em deante não poderás já exercer tuas funcções.

O feitor disse de si para consigo: Que farei, pois meu amo tira-me a administração? Cavar não posso; mendigar causa-me vergonha.

Sei o que tenho a fazer, para que quando me retiré a administração, me recolham em suas casas.

E assim, tendo convocado os devedores de seu amo, dissé ao primeiro: Quanto deves a meu amo? E elle respondeu: Cem medidas de azeite.

E elle disse-lhe: Toma tua caução, assenta-te depressa e escreve cincoenta.

Depois disse a outro: E tu quanto deves? O qual respondeu: Cem medidas de trigo. Redarguiu-lhe: Toma tua caução, e escreve oitenta.

E o amo louvou o feitor infiel, porque havia obrado prudentemente; porque os filhos d'este seculo são mais prudentes em seu genero, do que os filhos da luz.

E eu digo-vos: Grangeae-vos amigos por meio das riquezas da iniquidade, para que quando estejaes em necessidade, vos recebam nos eternos tabernaculos.

(De S. Lucas, cap. XVI.)

### REFLEXÕES

A parábola que o evangelho d'hoje nos apresenta é um caso de prudencia diabolica. O administrador de que elle nos falla é um homem sem consciencia,

que não tem outra preocupação senão o passar commodamente a vida, sem se importar dos seus deveres para conseguir a vida eterna.

Quantos há d'estes na presente sociedade!

Por esta falta de consciencia aquelle homem administra mal os interesses do seu senhor. E quando vê appróximar-se o castigo, calcando de novo a sua consciencia, procura amigos para quando d'elles necessjite.

Ninguem pode negar que este homem foi astuto para conseguir os seus maleficos fins.

Assim é o demonio. Desenvolve uma actividade e grande prudencia para perder as almas.

A nossa alma é tambem um administrador. Deus é o Senhor que lhe dá a vida, os sentimentos e as potencias e os bens para que lhe sirva e se salve; mas desgraçadamente muitos abusam de todos estes bens, peccando. O que fazer se queremos que a morte nos não surpreenda e nos não condemnemos para sempre?

Uma coisa recommenda esta parábola para evitar esse fracasso eterno; e, ainda que foi um remedio aconselhado ha já vinte seculos, parece feito de proposito para os tempos presentes.

A parábola chama *bens iniquos* aos bens temporaes, porque os homens abusam d'elles para seus vicios e peccados. O remedio que o Senhor deu a todos os peccadores é que se desprendam, em maior ou menor quantidade, segundo as suas fortunas, da parte dos seus bens; que façam obras de caridade para que os *pobres* soccorridos intercedam pelos seus benefeitores, e Deus, perante estes rogos do pobre agradecido, encha de graças e converta o peccador e o salve para os tabernaculos eternos.

O senhor da parábola é Deus. E o administrador é cada um de nós. Os bens que Deus nos dá para administrarmos são os sentidos do corpo: vista, ouvido, tacto, etc., e as potencias da alma: memoria, entendimento e vontade, riquezas que possuímos, collocações, cargos ou dignidades que disfructamos.

Somos administradores *infieis* quando fazemos mau uso de todos os sentidos, das potencias, riquezas, cargos, etc...

O Senhor separa-nos de todos os bens por meio da morte; que devemos agora

fazer, para que, quando morrermos, não padeçamos as penas e miserias eternas?

O administrador da parábola, empregando meios illicitos, preparou a sua queda. Deus não quer que o imitemos na *maliçia* dos meios que empregou, mas quer que empreguemos todos os esforços, no cuidado de encontrarmos remedio para os nossos males.

Essa diligencia e cuidado é que devemos empregar.

Com esses bens que Deus nos deu, como administradores, devemos procurar amigos para a outra vida. O primeiro amigo que devemos procurar é Jesus Christo.

O Evangelho ensina-nos que n'este mundo os *pobres* representam a Jesus Christo. Pratiquemos, pois, a *caridade* com os pobres, dando-lhes parte de nossos bens, que, pelo mau uso que até agora d'elles temos feito, podem chamar-se *bens iniquos*. E Jesus Christo amar-nos ha e no dia de Juizo será, não Juiz, mas sim nosso amigo.

Procuraremos os santos porque esses é que são os nossos verdadeiros amigos.

Talvez que tambem os nossos labios tenham sido iniquos em contarem coisas impuras, porque proferiram palavras desonestas ou murmurando, maldizendo e blasphemando contra Deus: corrijamo-nos e com esses mesmos labios encomendemo-nos aos Santos da nossa devoção, á Santissima Virgem, a São José e honremo-los com dolorosas confissões e communhões fervorosas, e, á porta da morte, serão os nossos amigos que deante de Deus servirão de testemunhas para a nossa bemaventurança.

O nosso coração tem sido tambem *riqueza de iniquidades*, como diz o Evangelho, porque ama mais as pessoas e coisas que ao proprio Deus; pois com esse mesmo coração reformado, compadec-te agora e soccorre o pobre nas suas miserias e ama aos Santos e a Deus, e de novo terás amigos para o Ceu.

Não sejam os mundanos mais prudentes para a vida presente que termina, que nós os crentes para a vida futura que não terminará jamais.

A neve esplende nos cumes dos mais agigantados montes: as affeições mais puras no pinaculo do desinteresse.—*Padre Sequeira.*

## ...NOVO CEDAT RITUI

Fallava-se das primeiras communhões de creanças... Eram nossos interlocutores, excepto um, jovens sacerdotes. Constitua a salva-guarda um veneravel parochio que, em silencio, ouvia contar casos singulares que pela primeira vez podem acontecer a uma alma terna que se acerca da Meza eucharistica, e que se offerecem á consideração dos directores de espiritos christãos... Um fallou d'uma, antes penitente que peccadora, que esforçando-se para chegar ás grades do confessorio, disse com encantadora puereidade, com uma voz como um fio de prata:

—Venho fazer uma confissão geral.

—Desde quando, creatura?

—Desde pequenina...

Em face d'esta resposta collocou o rosto entre as mãos para melhor sorrir...

O veneravel parochio disse então:

—Pois tambem tenho um caso para contar. Vereis.

Uma rapariguita de sete annos, na minha freguezia, veio ter commigo para que lhe dêsse a Communhão, a primeira Communhão. Demais, sem vestido branco, sem veu e sem véla... E sete annos.

Não obstante o costume, creio que todo o mundo faria o que eu fiz: negar-me.

—Ainda não—lhe disse—ainda não. Não conheces o Santissimo Sacramento. E afagando-lhe as faces rosadas, e sem fazer caso da sua insistencia, a despedi...

Certo dia—continuou o veneravel sacerdote, depois de uma pausa—entrei na igreja para visitar o Santissimo: reparei que na minha frente estava a tal creança, a qual, julgando-se fóra de toda a curiosidade humana, e depois de se ajoelhar nos degraus do altar, dizia em alta voz:

—Oh meu Jesus: o sr. Vigario disse que não te conheço... Que não te conheço, Senhor!... E's o Filho de Deus; o nascido em Belem; o que viveu em Nazareth, e alli o encontraram no Templo entre os doutores; o que escolheu os seus Apóstolos; o que lhes ensinou o Crêdo que todos resamos; o que morreu na Cruz; o que resuscitou ao terceiro dia. Conheço-Te, ou não Te conheço?... Agora peço-te uma coisa: não me digas que não, Jesus. Abre os olhos ao sr. Vigario: que veja que sim, que te conheço... que sim... que te conheço...

A' angelical creatura entrecortava-se-lhe a voz. A mim...—dizia o nobre ministro de Deus—já vêdes que, só ao recordar-me, as lagrimas saltam-me dos olhos... O coração parecia sahir-me do peito, e esforçando-me por conter um soluço, sahi da Igreja sem ruido...

Ao outro dia de manhã chamei a creança e perguntei-lhe:

—Quantas visitas fizeste hontem ao Santissimo?

—Quinze.

—E que lhe disseste?

A creança baixou os olhos e guardou silencio.

—Diz: que lhe disseste?

—Sr. Vigario: Disse mal de si a Nosso Senhor Jesus Christo... E começou a chorar.

Beijei a fronte áquella purissima creatura.

Abri o Sacramento...

Na Igreja souu a minha voz commovida...

—*Corpus Domini Nostri Jesu Christi.*

## Que bicharôco é este?

Os coices de um quadrumano não fazem perder a vertical da Cruz.

*Dr. João Gualberto.*

Livre pensador—diz Monsabré—é o heroe que não é livre, nem é pensador.

Livre-pensador é o «patusco» que toma por si a liberdade de pensar que o preto é branco e o branco é preto!

Livre-pensador é o jacobino que pretende obrigar os outros a pensar como elle... á bruta!

O livre-pensador é um pandego, que renega a logica para poder, ao depois, renegar a moral.

O livre-pensador recusa crer em Deus, mas consulta espiritos e cartomantes, como o trampolineiro Mirabelli!

Eis, segundo um jornal francez, o regulamento do livre-pensador:

1.—O livre-pensador crê o que lhe appetece, salvo no que toca á Religião.

2.—Lá tudo, excepto os livros a favor da fé.

3.—Dá o seu voto a quem muito bem quer, mas nunca a quem fór á Missa.

4.—Ama todos os homens, contanto que sejam franc-maçons.

5.—Alista-se em qualquer syndicato... anti-clerical!...

6.—Casa onde lhe apraz, uma vez que não seja na Igreja.

7.—Pôde baptisar os filhos, mas só pelo civil, se pelo civil se pudessem baptisar!

8.—Educa os seus filhos em qualquer collegio... atheu!

9.—Crê em tudo, mas não na alma.

10.—Não vao á igreja, nem quer saber de Religião para nada, porque é livre-pensador; mas a sua vida publica e particular é immunda; anda sempre mettido por lupapares e outras casas de má nota, porque é um sujo!...

11.—Se morre, os seus funeraes terão grande acompanhamento... sem padre, em nome da civilização moderna! Para o livre-pensador bastam muitas corôas e muita «discursena» á beira da sepultura... morrendo assim como os selvagens, sem se importar de salvar a sua alma, que irá logo direita para o céu dos melros de biquinho amarello, como elle em vida sempre foi!

Está conforme o original.

—Ninguém te martyrisa como o teu amor proprio.

*Padre Sequeira*

## CONVERSANDO...

—Bravo, senhor abbade; uma festa o tal triduo eucharistico. Eu na minha parte gostei immenso.

—Pois estimo muito, Sebastião. sistis-te então a todas as cerimoniaes?

—A todas não poudeser, mas as ti no sabbado á noite e no domingo.

—Não te vi na igreja, nem na christia, mas não admira; estava ta gente... Ora diz-me lá; o que foi q mais te agradou?

—A Ladainha era bem bonita, e o senhor abbade, mas cá para meu gosto, *Te-Deum* é que levou a palma; lindas vozes e linda musica, senhor abbade.

—Bem, bem, rapaz; mas eu quero que me dêsse a tua opinião. não só respeito da musica, que isso não é mais importante, mas a respeito das cerimoniaes, etc.

—Ah! Talvez a respeito dos sermões. Eu ouvi só tres, mas do que mais gostei foi do sermão do sr. padre F. Aquillo, que é fallar bem.

—Sim... deves lembrar-te então o que elle disse.

—A fallar a verdade, senhor abbade, eu a maior parte das coisas não as entendi. Era tudo muito scientifico... mas lá bonito era, e bem floreado.

—Está bem, homem; vejo que gostas de flôres, e melhor fóra que gostas de fructos. Pois olha, Sebastião, que houve outras coisas muito mais bonitas.

—Ah!...

—Ora diz-me, rapaz; não assististe á communhão geral?

—Pois assisti.

—E sabes quantas pessoas communharam?

—Lá isso não sei.

—Pois olha que communharam perto de 3:000!

—O quê? Tanta gente!

—Sim, tanta gente; isto é que foi mais bonito da festa. Foram perto de 3:000 christãos que se uniram a Nosso Senhor, que o receberam no seu coração, que se alimentaram da sua carne e do seu sangue, que lhe mostraram amor como se deve amar o melhor dos paes e respeitá-lo como se deve respeitar o melhor dos reis. Mas pelo que eu tenho percebido da nossa conversa, tu não fês te dos que communharam a sagrada eucharistia.

—Na verdade, não, senhor abbade.

—Apreciaste mais a musica dos meus sicos e a musica dos sermões. Ah! meu rapaz, em verdade te digo que se tiveses recebido a divina eucharistia terias ouvido a deliciosa musica dos anjos, echoando interiormente na tua alma.

—Eu confessei-me pela Paschoa.

—Bem sei; bem sei. Isso é uma grande obrigação, mas acreditas que é bastante prova de amor communhar uma só vez por anno? Se alguém te dísse que tu tinhas de estar um anno inteiro sem comer, o que farias?

—Isso era um impossivel, a não ser que quizessem condemnar-me á morte.

—Sim, á morte do corpo. Mas se o corpo precisa de alimento quotidiano, o que diremos da alma, Sebastião? Ah! a alma carece ainda de maior fortaleza porque a cercam maiores perigos...

—Mas, n'esse caso, interrompen Sebastião, teríamos de commungar todos os dias.

—Isso seria o ideal. Não porque todos os dias corressemos o risco de morrer... e d'ahi, quem sabe? mas sobre tudo porque cresceríamos assim, sem cessar, na graça de Deus, augmentaria a nossa virtude, e maior gloria dariamos a Deus. Mas, vamos lá, que não possa ser todos os dias, e para todas as pessoas; mas talvez podesse ser todos os domingos, ou ao menos todos os mezes, sem contar os dias de festa mais solemnes, e os dias em que o proprio Jesus sacramentado nos pede que o vamos receber, como agora por occasião da triduo.

—Hein? Que é lá isso? atalhou o Sebastião. Então Nosso Senhor pediu-nos para commungarmos agora?

—Sim homem; se tivesses estado com attenção á homilia, tinhas percebido. Nós não ouvimos a sua voz, mas ouvimos a voz do seu Vigário e a voz do nosso Bispo. Foi o Papa que convidou todos os fieis a commungarem o corpo e sangue do divino Mestre. Mas se o Papa assim fez foi porque *sabia* que isso seria muito agradável ao Senhor. Eis ahí porque o mais bello numero das festas, foram essas *trez mil* communhões do domingo.

—Sabe, senhor prior? pois já tenho pena de que não tivessem sido trez mil e uma. A culpa é minha que deveras não prestei grande attenção ás explicações do senhor prior, e dizia cá na minha que a communhão da Paschoa já era bastante, mas agora não me escapa, e d'ora em diante quero commungar mais a meudo.

—Ora assim é que é.

## COR PATERNUM

### Um album magnifico

Sobre a acção do Santo Padre durante a guerra

Chama-se **Coração de Pae**, esta grandiosa obra destinada a perpetuar a caridade de Bento XV para com tantos milhões de seres angustiados pela guerra.

Devido a circumstancias especiaes, a Empresa da *Revista Catholica e Mensageiro* congratula-se de poder offerecer aos seus leitores, **uma occasião unica** de adquirirem esta obra magnifica que contém **mais de 500 illustrações**, sobre assumptos do maior interesse.

Para recommenda-la bastará o voto de Sua Em.<sup>a</sup> o Sr. Cardeal Pedro Gasparri, Secretario de Estado de S. S. Bento XV, o qual disse:

«Desejo de todo o coração que o *Cor Paternum* desperte nas familias christãs do mundo inteiro o echo da caridade eterna e universal, que o nosso Santo Padre Bento XV exerceu durante a sanguinolenta guerra.

Vaticano, 8 de março de 1919.

PEDRO Card. GASPARRI.

Para que se faça uma ideia um pouco mais pormenorizada do **Cor Paternum**, diremos o seguinte:

Compõe-se o dito Album de mais de 120 grandes gravuras e de 400 outras illustrações menores, com seus respecti-

vos titulos e o prefacio em nove linguas diversas: latim, grêgo classico, italiano, francez, hespanhol, portuguez, inglez, allemão e polaco.

Em um breve proemio recordam-se as varias iniciativas tomadas por S. S. Bento XV. As illustrações dizem respeito:

1.º Ao Santo Padre e aos seus mais assiduos collaboradores da Secretaria de Estado e da Diplomacia Pontificia;

2.º A' Secção para os prisioneiros instituida por S. Santidade no Vaticano, ás sallas dos trabalhos, aos empregados e aos collaboradores da mesma, fóra do Vaticano;

3.º A' hospedagem dos prisioneiros na Suissa, de todas as iniciativas pontificias a mais bella, com numerosas photographias dos internados belgas, francezes, inglezes, allemães e russos;

4.º As obras de caridade e de assistencia religiosa em prol dos militares, dos prisioneiros, dos doentes e feridos, que o S. Padre mandou instituir e promover na Italia, na França, na Belgica, na Austria-Hungria, na Allemanha e nos diversos exercitos, especialmente no portuguez, italiano, inglez, francez, belga e americano;

5.º A' intervenção do S. Padre para tutelar as sepulturas dos soldados allados nos Dardanellos;

6.º A' obra de S. Santidade em prol da paz.

A serie das gravuras fecha-se com uma miniatura em que se reproduz a oração de S. Santidade pela paz.

A belleza e a abundancia das illustrações, a fineza do trabalho que caracteriza os editores Alfieri e Lacroix, a importancia da materia de que se trata, fazem do Album um verdadeiro monumento á caridade fecunda do Santo Padre que todas as familias catholicas se devem ufanar de possuir.

O preço para o estrangeiro é de 25 francos, mas haverá que ter em linha de conta as differenças do cambio.

Todavia garantimos aos leitores que o preço portuguez, será **o mais modico possivel**, pois o nosso fim capital é tornar conhecida a **Obra do Santo Padre**.

As pessoas que desejarem adquirir o dito album desde já podem enviar os seus nomes para a administração da *Revista Catholica*—Vizeu, onde se acha aberta a assignatura.

### Origem do uso da agua benta

O uso da agua benta é muito antigo: foi instituido pela Igreja desde o tempo dos Apostolos, ou antes, a Igreja tomou este uso modificando-o do costume que tinham os Judeus de se purificarem ao entrar no Templo, e tambem os pagãos de empregarem nos sacrificios a agua lustral como meio de purificação. O sacerdote, para a benção d'esta agua, emprega sal e agua natural; elle benze e exorcisa estes dois elementos para livra-los do imperio do demonio, e pede que os que usarem d'elles assim purificados alli encontrem salvação e protecção. E' proprio da agua, lavar; do sal, preservar da corrupção; mixtos e bentos, o sal

e a agua purificam as nossas almas e as conservam; por isto é que a agua benta collocada na entrada das Igrejas, derramada nos fieis pela cerimonia da aspersão, conservada nas moradas e empregada na benção de varios objectos, é uma arma contra o demonio e uma salvaguarda para os christãos.

Outro tanto diremos das *cinzas*, dos *ramos*, das *velas bentas*, etc.

## Notas ligeiras

### Os bolchevistas em Lisboa

O agente Teixeira, da 4.ª secção da policia, encarregado de investigar quaes os auctores do attentado contra o sr. Alfredo da Silva, tinha em seu poder uma lista de varios elementos bolchevistas. Quando a policia os procurava, por ordem do governo, para os enviar para a Africa, esses agitadores ausentaram-se para parte incerta, sendo desconhecido o seu paradeiro.

Pudera!...

Em Paris deu-se uma violenta explosão na fabrica de munições de Le Bourget, do que resultou a destruição de varias casas, muitas mortes e feridos.

Na romaria de S. Torquato, realisada ha dias em Guimarães, as esmoladas da festa excederam a quantia de 9 contos; a caixa das esmoladas, que foi aberta antes da festa, continha 2.750\$230, havendo uma differença para mais, relativamente ao anno anterior, de 1.088\$400.

Acabam de chegar de França, onde no heroico C. E. P. prestaram relevantissimos serviços á Causa Catholica e á Patria, os rev.<sup>os</sup> Padres Casimiro Rodrigues de Sá, abbade de Padornelo, e dr. Luiz Lopes de Mello, de Coimbra. Este ultimo é um dos poucos que viram cordados os seus esforços e abnegação com a Cruz de Guerra, aliás bem merecida.

O governo francez apresentou ás camaras o projecto de amnistia. Oá, em Portugal é o que se vê. O governo não pensa em amnistia nem tão pouco em fazer julgar rapidamente os centenares de presos politicos que tem aferrolhados.

### Queixas da Belgica

A camara dos deputados resolveu approvar o tratado de paz sem qualquer modificação, mas lamenta que a Belgica não obtivesse as condições favoraveis que tinha direito a esperar; a respectiva commissão perguntou ao governo se não seria possivel obter para a Belgica a mesma protecção por parte dos Estados-Unidos que alcançou a França.

### O terror na Hungria

Em Budapeste está funcionando um tribunal marcial. Já foram condemnadas 400 pessoas, accusadas de tomarem parte na contra-revolução de 23 de Junho passado. Onze foram condemnadas á morte e muitas a prisão perpetua ou temporaria.

## OS "SOVIETS,"

## DIALOGO OPERARIO

Quantas vezes, nos ultimos dias, tem sido pronunciada esta palavra de-sastrosa! A vaga bolchevista, na sua invasão pela Europa, veiu ancorar no occidente.

O acaso d'uma viagem em caminho de ferro proporcionou-me o ensejo de apreciar um perigoso exemplo das lastimaveis loucuras que se propagam cynamicamente.

Perto de mim assentou-se um operario, ainda novo, com aspecto de bilioso, cujos olhos, semi-fechados, pareciam despedir scintellas, de quando em quando. A seu lado, pacifico e apprehensivo, tomou logar um patrão, seu conhecido, com quem logo travou conversação, depois de algumas palavras sobre as noticias do dia, dizendo-lhe a meia voz:

—O senhor, como patrão, não passa mais que tres ou quatro horas por dia no escriptorio, e depois, livre como a atmospheria, vae passear. Nós, os operarios, trabalhamos oito horas precisas. No fim do anno o senhor tem ganhos 20 contos. O trabalho foi dos seus operarios. A elles é que deviam pertencer esses 20 contos. Por condescendencia o senhor poderia ter direito a uma parte igual á d'elles.

A primeira vista o industrial ficou um pouco atrapalhado com a reflexão. Mas, refeito da surpresa, replicou:

—Então o senhor persuade-se que só trabalho 3 horas por dia? Ando sempre apprehensivo, a tratar de assumptos relativos á fabrica, constantemente agarrado á escriptura. Tenho de arranjar materias primas indispensaveis, para não pararem as machinas. Tenho de fazer adiantamentos de dinheiro. Tenho de descobrir e de confederar com clientes, que consomem o que fabrico. Na epocha actual, tudo isso dá enormes canseiras. Muitas vezes, de noite, não prego olho... emquanto o senhor, a unica coisa que talvez lhe tire o somno, é o odio aos patrões.

Teimoso, não se deixando convencer, o operario insistiu:

—Tres horas de escriptorio! E nós, oito de trabalho! E' necessario repartir o salario, *pro rata* pelas horas de serviço!

Por fim, o patrão, sem se mostrar aborrecido, respondeu:

—Bom, isso é simples de resolver. O meu amigo trata da correspondencia, arranja dinheiro, estabelece os planos, faz as encomendas de materiaes, e eu vou para o seu logar trabalhar oito horas.

—De modo nenhum! Não tenho habilitações para isso...

—Então?...

Tinhamos chegado a uma gare. O acaso da viagem, que nos aproximara, separava-nos. Mas o que ouvimos foi uma amostra frisante do palavreado, que, n'estes dias, é o assumpto de multiplas conversas, e da qual podem surgir as peores revoluções.

(De La Croix).

## Oração á Rainha Santa

Rainha santa! madrinha do reino de Portugal! Sobre a terra em que reinastes Chora o bem... e canta o mal.

Pois que sois rainha nossa —e ser Rainha é ser mãe— escutai nosso queixume... que tantas lagrimas contém!

Santa Isabel, medianeira de paz entre Filho e Pai, repeti Vosso milagre; da guerra o mundo livrai.

Uma benção, um sorriso da Vossa Graça farão que aos lares portuguezes voltem rosas e pão!...

Rainha Santa! madrinha do reino de Portugal! que na terra onde reinastes ria o Bem... e finde o mal!...

Branca de Gonta Colaço.

—Quantos irmãos tens?—perguntavam a um camponez, que pretendia entrar n'uma casa como creado.

—Saiba vossa senhoria que somos quatro: tres femeas e um macho. O macho sou eu!

## Verdades como punhos...

—Quem nega a existencia de Deus?

—Quem tem a consciencia suja e teme ajustar contas com Elle.

—Quem se revolta contra o dogma dos castigos eternos?

—Quem pelos seus maus costumes os tem merecido.

—Quem accusa a Religião de fazer do homem uma besta?

—Os que filiam a origem do homem no macaco, e tem a este por pae; por ira qñas aos demais animaes, e como regr-de moral as mais bestias paixões, e como fim do homem o nada; os que querem retroceder até ao paganismo, louvando sem cessar as suas tyrannias, as suas loucuras e bachanaes.

Entre dois commerciantes andaluzes:

—Tens muitos negocios?

—Muitissimos, respondeu o outro. Para dar uma pequena ideia da minha correspondencia, basta saber se que em minha casa se gastam por anno só em tinta quinhentos pezos.

—Isso é nada, disse o primeiro. Na minha economisam-se mil pezos annuaes só em deixar de pôr os pontos nos ii.

## A LAREIRA...

Um ricoço muito avarento perde, um dia, um saquinho com boa somma de dinheiro em ouro.

Deitou logo annuncios nos jornaes, promettendo dez libras de alviçaras a quem lh'o restituísse.

Um lavrador que tinha achado o sacco, foi contentissimo, entrega-lo ao nosso homem. Este contou e tornou a contar as libras, e, depois de certificar-se de que nada lhe faltava, disse com a maior serenidade para o lavrador.

—Deviam estar aqui dentro d'este sacco cincoenta libras; não encontro senão quarenta; vejo que vocemecê teve já o

cuidado de tirar por suas proprias mãos as dez que eu tinha promettido; estou pago então.

O lavrador cahiu das nuvens ao ouvir o que o avarento lhe dizia, porque tinha tocado no dinheiro, e semelhar recompensa de modo algum o podia satisfazer.

—Vamos ao juiz—exclamou elle muito azedado com a historia; não, senão isso não fica assim; vamos ao juiz, que elle disser é o que se fará.

Foram; o juiz ouviu um e outro caso a maior attenção, pensou um pouco sobre o caso e por fim sabiu-se com es-sa sentença:

—Vocemecê—disse elle, voltando para o ricoço—perdeu um sacco de cincoenta libras; e vocemecê—continua o magistrado, dirigindo-se ao lavrador—achou um sacco com quarenta libras. Muito bem. Está pois provado que o sacco que vocemecê achou não é o mesmo que este senhor perdeu; e portanto tome vocemecê outra vez conta d'elle e guardo-o até que appareça alguém a reclamar. Quanto ao meu amigo, concluiu o juiz voltando-se novamente ao avarento, dá um risinho de escarneo, não tem outro remedio senão ficar esperando com paciencia que lhe appareçam as suas cincoenta libras.

Um raio que cahisse aos pés do avarento n'esta occasião, não o deixaria tão abismado como ficou ao ouvir a sentença do juiz.

Sirva isto de lição para que sejam sempre verdadeiros nos nossos contratos e negocios. *Mais depressa se apazinha um mentiroso do que um coadiz o rifão popular.*

Sulpicio Severo.

## ADIVINHA POPULAR

Não ha quem me não conheca pois que sirvo a toda a gente; uso nome com cabeça e sou nascido d'um dente. Nem fiquem p'r'ahi ninguém com o que digo espantado, que é meu destino tambem morrer sempre desdentado. Não sou brasa e causo ardencia e tenho as vezes a minha estima interferencia em assumptos de cozinha.

Decifração da anterior:—*Nora.*

## Calendario religioso da semana

Domingo, 3—Inv. de Santo Estevão.

(Quarto crescente ás 8 h. e 12 m. da tarde)

Segunda-feira, 4—S. Domingos

Terça-feira, 5—Nossa Senhora de Neves.

Quarta-feira, 6—Transfiguração do Senhor.

Quinta-feira, 7—S. Caetano, com S. Donato M.

Sexta-feira, 8—S. Cyríaco e com Mm.

(Os pobres e quem tem os indultos estão dispensados da abstinencia).

Sabbado, 9—S. Romão, soldado M.